

# A MISSÃO E O REINO DE DEUS EM UM VIÉS ESCATOLÓGICO DE ESPERANÇA PARA O MUNDO

Acyr de Gerone Junior<sup>1</sup>

## Resumo

Na história, a igreja cristã normalmente refletiu uma compreensão teológica e missiológica diversa. De fato, as diferentes compreensões teológicas sobre o fim resultaram em diferentes ações missionais no mundo. O presente artigo, por sua vez, procura fazer uma reflexão sobre os desafios da missão cristã na atualidade, a partir da compreensão do conceito bíblico do Reino de Deus e sob um viés escatológico de esperança para o mundo. Para tanto, se faz necessário compreender a missão como *Missio Dei*, a inauguração do Reino de Deus sob o modelo de Cristo, a mensagem transformadora do evangelho e a encarnação dos valores do Reino e do evangelho em tudo o que a igreja faz e prega para que, então, a mensagem de esperança transforme as pessoas e o mundo. A opção metodológica se fundamenta em revisão de literatura. Espera-se que as reflexões aqui apresentadas possam contribuir com uma melhor compreensão e realização da missão que confiada ao povo de Deus.

**Palavras-chave:** Missão, Reino de Deus, Escatologia, Esperança.

## Abstract

In history, the Christian church has typically reflected a diverse theological and missiological understanding. In fact, the different theological understandings about the end resulted in different missional actions in the world. This article, in turn, seeks to reflect on the challenges of the Christian mission today, from the understanding of the biblical concept of the Kingdom of God and under an eschatological bias of hope for the world. For this, it is necessary to understand the mission as *Missio Dei*, the inauguration of the Kingdom of God under the model of Christ, the transforming message of the gospel and the incarnation of the values of the Kingdom and the gospel in everything that the church does and preaches, so that the message of hope may transform people and the world. The methodological option is based on a literature review. It is hoped that the reflections presented here can contribute to a better understanding and realization of the mission entrusted to the people of God.

**Keywords:** Mission, Kingdom of God, Eschatology, Hope.

## 1. INTRODUÇÃO

Historicamente, sabe-se que a ação da igreja cristã no mundo sempre esteve ligada ao contexto de seu tempo. Nesse sentido, a missão da igreja ganhou ênfases

---

<sup>1</sup> Graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Betânia, de Curitiba e pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Possui MBA em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e MBA em Propaganda, Marketing e Comunicação Integrada pela Universidade Estácio de Sá (UNIESA). É pós-graduado em Projetos Sociais no Terceiro Setor pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (FTBP) e em Ciências da Religião pela Faculdade Entre Rios (FAERPI). É mestre em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Atualmente está realizando estágio de *pós-doc* na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). É Secretário Regional da Sociedade Bíblica do Brasil, professor, palestrante e autor de livros e artigos sobre Teologia, Missão, Religião, Terceiro Setor, Gestão e Educação. É professor da Faculdade Teológica Betânia de Curitiba.

escatológicas peculiares a cada momento da história. A percepção escatológica impulsionava (e impulsiona, até hoje) a forma e o conteúdo da missão. Pelo fato de existirem diferentes vieses escatológicos, se tem, igual e conseqüentemente, diferentes conceitos e práticas da missão. Por isso, nesse artigo, ressalta-se a importância desta trama de relações com enfoque especial para os dias atuais.

De uma forma geral, constata-se que a escatologia, no início da igreja cristã, estava vinculada aos fatores recentes que a permeavam, isto é, ela se desenvolveu na realidade da ressurreição de Cristo e da *parusia*. A missão, nesse ínterim, estava voltada para uma ação imediatista, já que, conforme prometido, Cristo voltaria logo.

Por meio de uma análise da teologia bíblica na Carta aos Hebreus e no livro de Apocalipse, é possível constatar que tal expectativa não se cumpriu dentro do tempo que os cristãos de primeira e segunda geração esperavam. Entre outros, tal fato resultou em certo desânimo e abandono da fé por alguns. Nesse sentido, ambos os livros neotestamentários procuram trazer uma mensagem de conforto, esperança e perseverança aos seus leitores.

Na Idade Média, a ênfase foi de morte, juízo e condenação. De certo modo, a missão cristã discorria mais sobre o diabo e o inferno do que propriamente uma vida com Deus, tornando-se, assim, numa visão fatalista e futurista.

Mais, recentemente, porém, na Idade Moderna, resgatou-se uma perspectiva da esperança. Nesse sentido, culminando-se atualmente, o viés escatológico, sem abandonar seu viés futurístico, se voltou para o presente, refletindo diretamente na forma como a igreja cumpre a missão de Deus neste mundo.

É, justamente nessa perspectiva, que este trabalho se conduzirá. A opção metodológica deste artigo se fundamenta em revisão de literatura que discorram sobre o tema da Escatologia, Missão e Reino de Deus. Todos estão relacionados nas referências bibliográficas ao final do trabalho. Espera-se que as reflexões aqui apresentadas possam contribuir com uma melhor compreensão da missão confiada à igreja a partir dos valores do Reino de Deus e sob um viés de esperança para o mundo caótico atual.

## 2. **MISSIO DEI: PRESSUPOSTOS PARA SE ENTENDER A MISSÃO DE DEUS NO MUNDO**

Para melhor compreender as implicações sobre “missão” e como realizá-la, faz-se necessário entender, inicialmente, a manifestação do amor de Deus pela humanidade. Como bem escreveu o evangelista João, Deus amou tanto o mundo, que enviou o seu único filho para salvá-lo. Na verdade, amou antes de tudo, antes da fundação do mundo. A missão, portanto, começa em Deus e não na igreja. Inicia-se, de fato, na manifestação dele como Aquele que ama o mundo de forma especial, indizível e integral. E é fundamentando neste amor que Deus envia a Jesus e este envia seu povo para a missão. De fato, a igreja, como corpo de Cristo, é enviada por Deus, manifestando a presença e o amor dele no mundo. Sendo assim, a missão não é, portanto, inicialmente, uma ação da igreja, mas, sim, um atributo e uma iniciativa de Deus.

A missão de Deus é principal; as missões, isto é, os projetos de expansão das igrejas, são auxiliares, emanadas da missão divina. Portanto, se a missão é de Deus, ela envolve o mundo, a igreja e tudo o que nessa perspectiva possa estar relacionado. Por sua vez, a igreja é chamada a cooperar com Deus por meio da prática missionária e, com tais ações, contribui com a vivência e a antecipação do Reino de Deus neste mundo.

Na obra “A Missão como Obra de Deus”, Georg Vicedom (1996) apresenta com propriedade o conceito de missão a partir dos aspectos doutrinários da salvação. A missão não se constitui, simplesmente, em uma atividade eclesial como forma de obedecer ao “ide” de Jesus, mas é, também, a participação na missão do Filho, através da Missão de Deus, com a finalidade de estabelecer o Reino de Deus e o senhorio de Jesus Cristo sobre todo o mundo, em todas as esferas possíveis. Nesse sentido, a missão inicia-se no Deus que envia, que é o alicerce principal e é o enviado através de Jesus Cristo. Posteriormente, esse mesmo Jesus envia o Espírito Santo e, ambos, enviam o povo de Deus, representados pela igreja, para que a obra salvadora de Deus se concretize integralmente no mundo.

A missão da igreja é, portanto, um reflexo da *Missio Dei*. Tudo o que a igreja faz, seja em serviço, em proclamação ou em ação deve estar vinculada ao que Deus fez e faz no mundo. Para reforçar essa perspectiva, Georg Vicedom resume que:

A missão como obras da misericórdia divina, que Deus iniciou através do envio de seu Filho, é continuada por ele agora ao incumbir sua comunidade, por meio de seu enviado, da propagação e da proclamação de sua vontade salvadora. Assim o Senhor dá a ordem missionária... [porém] esse serviço da Igreja somente é possível porque ela mesma experimentou compaixão através da ação redentora do Filho de Deus e agora representa a comunidade dos crentes e justificados. Por conseguinte, esse serviço é engajamento na atuação de Deus, obediência da fé, não estar desligado de Deus, mas ser tomado por ele, não é algo que é acrescentado à ação de Deus, mas é submeter-se ao agir de Deus. (VICEDOM, 1996, p. 107)

Deste modo, a missão se estabelece em uma concepção significativa e diferenciada. A ação missionária deixa de ser percebida exclusivamente numa perspectiva soteriológica (ganhar/salvar almas), expansionistas (crescimento da denominação em diversos lugares), apocalípticas (condenação e juízo) e/ou culturais (apresentar a forma que certo país se vive o cristianismo e/ou a religiosidade). Pelo contrário, evidencia-se que a missão é de Deus, e somente dele. E ele, em sua ação trinitária, através do seu amor, alcança o mundo todo através de uma missão em esperança. A igreja é, de forma privilegiada, coadjuvante na missão, quando ela, de forma fiel e relevante, proclama e vivencia os valores do Reino de Deus.

Essa perspectiva de missão é clara e objetiva na Palavra de Deus. É Deus que realiza a obra de criação e redenção do ser humano. Ele é o maior e o principal interessado, a ponto de enviar seu Filho ao encontro do ser humano e ao mundo. Não existe, portanto, a missão da igreja; antes, é a Missão de Deus que inclui a igreja. Por isso, pode se entender que esta missão se estabelece no projeto de Deus em resgatar o mundo em todas as suas dimensões num viés esperançoso.

A *Missio Dei* se caracteriza, então, pelo fato de ser uma missão que começa e termina em Deus e por Deus. A missão para a igreja está baseada na cooperação com o que Deus está realizando, por sua graça, neste mundo. O Reino de Deus se faz presente. Assim sendo, a igreja que está em missão, não poderá realizá-la sem perceber o mundo com todas as suas necessidades, se não for com os olhos de Deus.

A missão, portanto, é de Deus e seu povo é cooperador dele na execução desta obra (1Co 3.9). A partir destes pressupostos se pode entender, então, que missão de Deus contempla uma ação que transforma os seres humanos e o mundo criado. É uma missão em esperança mesmo em meio ao caos social, moral e espiritual. Trata-se de uma ação que está focada em realizar tudo aquilo que Deus enviou e confiou à sua igreja para fazer, de forma completa, integral, total, vivendo o evangelho todos os dias e não somente aos domingos, ocupando e preocupando-se com as necessidades

das outras pessoas, sejam elas quais forem. É uma ação fundamentada na missão em esperança, onde a preocupação é com o bem-estar físico, social, material e espiritual do ser humano.

### 3. **MISSIO DEI EM UM MUNDO SEM ESPERANÇA**

Para realizar a missão sob o viés teológico da esperança, de forma significativa e transformadora, é preciso conhecer e entender o contexto em que se vive. Deste modo, a igreja tem um grande desafio pela frente, conforme é possível constatar na obra de Gerone Junior (2020):

- Perspectiva pessoal: discriminação de pessoas em razão de etnia, religião, idade, sexo, doenças infectocontagiosas ou deficiências; pessoas refugiadas por motivos religiosos; crises nas famílias que geram divórcio e violência doméstica; crises de valores morais e éticos etc.
- Perspectiva social: corrupção, suborno, violação dos direitos humanos, pedofilia, prostituição, racismo, intolerância, violência, homicídio, preconceito, desemprego, miséria, pessoas sem-terra ou sem-teto, pessoas vulneráveis (idosos, crianças, deficientes, mulheres) abandonadas nas ruas, mendigos, pessoas marginalizadas e excluídas, presídios lotados, educação precária, alto índice de analfabetos, falta de saneamento básico, roubo, fome, doenças, drogadição, narcotráfico, degradação ambiental, saúde precária, moradia precária etc.
- Perspectiva emocional: pessoas desiludidas, em depressão, ansiosas, com problemas psicológicos e psiquiátricos, com doenças psicossomáticas diversas, com ideação suicida, entre outros aspectos.
- Perspectiva religiosa: secularismo, itinerância religiosa, disputa de mercado religioso, pessoas decepcionadas com a instituição religiosa, entre outros aspectos.

Diante desse cenário, se faz necessária uma missão que tenha compromisso com Deus, com o mundo de Deus e com as pessoas criadas por Deus. Se faz necessária uma missão que enfrente as desastrosas consequências do pecado na vida humana a partir de uma resposta esperançosa. Não apenas uma esperança para o futuro, mas, sim, uma esperança que se faz presente hoje por meio dos valores do evangelho que transforma a realidade das pessoas e de tudo ao seu redor.

Nesse sentido, “a escatologia é idêntica à doutrina da esperança cristã, que abrange tanto aquilo que se espera como o ato de esperar” (MOLTMANN, 2005, p. 30). Essa esperança não pode ser utópica ou futurista. É uma esperança para hoje que, portanto, implica a uma ação hoje. Para tanto, é preciso reorientar a vida e a missão, convertendo tudo aos propósitos do Reino de Deus e da sua justiça (Mt 6.33), fazendo a diferença na sociedade, mesmo sob os contrastes existentes.

Essa compreensão escatológica e esperançosa é o que se precisa para de forma urgente para o mundo de hoje. De fato, existem muitas mensagens cristãs (?) que apontam para uma escatologia que se baseia com singular finalidade na reflexão do que acontecerá na e pós *parusia*. O assunto fica em torno de céu, inferno, morte e juízo. De fato, essa mensagem é necessária, afinal as Escrituras Sagradas apontam para esse momento especial da história. Mas, sem perder esse viés, é possível ampliar a compreensão.

Nesse sentido, Moltmann (2005) apresenta um desafio que, posteriormente, consegue provar. Para ele, a escatologia, a partir de uma leitura mais ampla, se torna a doutrina da esperança. A esperança para hoje, para o agora! Uma esperança que aponta para o futuro, mas que, ao mesmo tempo, leva o cristão a agir nos dias de hoje. A escatologia se dá em esperança e se desenvolve, então, através de uma mensagem relevante de transformação, onde o Reino de Deus é vivenciado e proclamado concomitantemente. De fato, para um mundo sem esperança, tal realidade se torna em esperança significativa, que peregrina de forma progressiva e construtiva, rumo ao futuro. É uma esperança que espera, mas que, também, age e transforma.

Portanto, realizar uma ação cristã na contemporaneidade é muito mais do que desenvolver certas atividades religiosas, como, por exemplo, ir aos cultos ou realizar certas atividades ministeriais. Vai além porque a partir dos valores do Reino de Deus, se faz necessário uma ação que contemple o atendimento ao indivíduo na totalidade de suas necessidades, que resgata os valores, que procura a realidade de um mundo melhor com base naquilo que Cristo fez na cruz. Ele redimiu todas as coisas para convergirem de acordo com o seu bom propósito (Cl 1.20).

Este é o poder do evangelho; aonde ele chega, ele transforma e dá esperança. É para este mundo sem esperança que a esperança da chegada do Reino se faz necessário. Nesse sentido “o advento deste mundo novo não pode realizar-se sem ação humana, na qual Jesus nos precedeu” (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 156). A igreja

é enviada ao mundo assim como o Pai enviou a Cristo (Jo 20.21) e o modelo da missão de Cristo – apresentada no Evangelho de Lucas (4.14-19) – é um modelo que transforma, restaura, liberta por meio do evangelho.

#### 4. **MISSIO DEI E O ADVENTO DO REINO DE DEUS QUE TRAZ ESPERANÇA**

O Reino de Deus, no anúncio e no ministério de Jesus, quando chega, funda seus valores e transforma o mundo. É por isso que, conforme afirma Schillebeeckx (1994), no ministério de Jesus o conceito do Reino teve prioridade. Jesus anunciava a chegada do Reino de Deus num contexto em que outros reinos dominavam o mundo. No entanto, Jesus apontava que o Reino dele não era igual o reino do mundo. Era um Reino que, a partir da realidade concreta e existencial do povo, apontava para a transformação. Kehl (1992), nessa mesma perspectiva, afirma que *“para esta misma instauración Del reino de Dios Jesús faculta también a suas discípulos, a los que envia curar a los enfermos al tiempo que anunciam La llegada Del reino de Dios”* (KEHL, 1992, p. 140). É por isso que os pobres, cegos, oprimidos, presos são o foco da mensagem do Reino de Deus (Lc 4.18).

A forma como Jesus entende o Reino de Deus e o implanta se dá na superação das mazelas sociais, espirituais e religiosas de seu tempo. É uma ação que confronta o comodismo, se tornando um Reino de Deus real e não utópico. Jesus, com suas palavras e ações faz o Reino estar presente. Ele muda a realidade e constrói uma nova história. Nas palavras de Jesus se entende, então, que os valores do Reino são vivenciados diariamente por meio da atuação dos discípulos e daqueles que acreditam na chegada de um Reino repleto de esperança.

Segundo Pagola (2011), a chegada do Reino de Deus não se dá no vazio. A chegada do Reino provoca mudança profunda da realidade, por isso, entrar no Reino de Deus é deixar-se transformar e contribuir com a construção de uma nova vida tal qual Deus quer. E tudo isso só é possível justamente porque o Reino de Deus se consolida na soberania e no reinado de Cristo sobre tudo e todos. Ele é o Senhor do mundo e da história. Assim sendo, é um Reino que é passado, presente e futuro. É um Reino que está em ação neste mundo. Escatologicamente falando, é um Reino sempre presente que antecipa o mundo que há de vir.

O Reino de Deus se concretiza, portanto, numa ação, presente e histórica, que se tem como desafio para este mundo. De fato, essa realidade em que o Reino de

Deus chega se dá na totalidade desse mundo material, espiritual e humano. Essa ação, portanto, com o homem deste tempo, aponta para a transformação da realidade. Nesse sentido, os desafios apontados na seção anterior demandam uma resposta urgente. Cabe à igreja vivenciar, proclamar e agir sob os valores do Reino de Deus na história hoje, assim como a chegada do Reino de Deus se deu na história quando Cristo, na plenitude dos tempos, veio ao mundo (Gl 4.4). Nesse advento, ele não veio para condenar o mundo, mas para salvá-lo. A missão de Jesus se dá, portanto, num viés de esperança para que não haja condenação.

Como se constata, em sua iniciativa amorosa e esperançosa, o Reino é de Deus e, de fato, o primeiro a se manifestar é o próprio de Deus. Como resposta, a responsabilidade agora é do povo de Deus, é da igreja, que foi chamada a viver o evangelho antecipando os valores do Reino neste tempo.

## **5. *MISSIO DEI* POR MEIO DE UMA AÇÃO CRISTÃ E ESPERANÇOSA NO MUNDO**

Muito além da teoria e da reflexão sobre os conceitos de missão, esperança e Reino de Deus, ressalta-se a importância da ação. Trata-se de colocar em práticas os valores do Reino através da missão de Deus, em esperança, neste mundo. Tal realidade proporcionará o cumprimento do propósito divino de colocar todas as coisas, no céu e na terra, sob a autoridade de Jesus, conforme afirma o Apóstolo Paulo ao dizer que Deus fez, "[...] convergir nele [em Cristo], na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra" (Ef 1.10, NAA).

Uma ação cristã que não toma conhecimento dos problemas sociais e espirituais do mundo e que não anuncia a salvação e a soberania de Cristo dentro do contexto no qual vivem os que ouvem, é uma missão parcial, isto é, trata-se de uma ação sem esperança e sem fidelidade ao pleno evangelho de Cristo. Se Jesus recebeu toda a autoridade (Mt 28.18), todas as coisas, no céu e na terra, devem acontecer dentro do plano de Deus para a humanidade. O Reino de Deus deve chegar, deve se fazer presente. Essa realidade envolve o ser humano, a criação, a história e o mundo. Não se pode esquecer que a obra da cruz foi consumada e em Jesus, Deus reconciliou consigo o mundo (2Co 5.19). A ação cristã em esperança é uma consequência lógica da soberania de Cristo e da reconciliação que ele estabeleceu com o mundo. É, de fato, a chegada do Reino de Deus.

O Evangelho do Reino de Deus foi instaurado através da encarnação de Jesus. Portanto, a obra de evangelização, numa perspectiva do Evangelho do Reino de Deus, não pode ser reduzida a uma simples proclamação verbal (comunicação oral) sobre Jesus, mas compreende igualmente uma ação significativa, transformadora e relevante. Envolve proclamação e atuação, pregação e prática, denúncia e ação transformadora. O Evangelho alcança o ser humano não só pelo que se diz, mas também pelo que se faz. Por isso, o Evangelho do Reino se evidencia quando alcança as necessidades de todos os indivíduos.

A missão de Jesus, nesse sentido, era de esperança, portanto, de total compaixão pelo ser humano (Mc 6.34). Na multiplicação dos pães, por exemplo, Jesus faz ensinamentos importantes. Estes princípios estão totalmente relacionados às questões da vida, por isso questiona alguns valores, confrontam outros, incentiva ações e demonstra muita compaixão.

“[34] Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e compadeceu-se dela, porque eram como ovelhas que não têm pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas. [35] Como já era bastante tarde, os discípulos se aproximaram de Jesus e disseram: — Este lugar é deserto, e já é bastante tarde. [36] Mande essas pessoas embora, para que, indo pelos campos ao redor e pelas aldeias, comprem para si o que comer. [37] Jesus, porém, lhes disse: — Deem vocês mesmos de comer a eles. Mas eles disseram: — Iremos comprar duzentos denários de pão para lhes dar de comer? [38] E Jesus lhes disse: — Quantos pães vocês têm? Tratem de descobrir! Eles foram se informar e responderam: — Cinco pães e dois peixes. [39] Então Jesus lhes ordenou que todos se assentassem, em grupos, sobre a relva verde. [40] E eles o fizeram, repartindo-se em grupos de cem e de cinquenta. [41] Jesus, pegando os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos para o céu, os abençoou. Depois partiu os pães e os deu aos seus discípulos para que os distribuíssem. E também repartiu os dois peixes entre todos. [42] Todos comeram e se fartaram, [43] e ainda recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe. [44] Os que comeram os pães eram cinco mil homens.” (Marcos 6.34-44, NAA)

Como se constata, Jesus percebe que as pessoas estão com fome e sede de Deus, estão desgarradas, sem auxílio, sem cuidado, sem esperança e muitas com necessidades físicas (doenças, fome) e espirituais. Sua compaixão não é apenas um sentimento pelas pessoas, mas é uma compaixão que leva a ação. Jesus começa sua missão com o ensino. Mateus relata que também houve cura (Mt 14.13-21).

No decorrer, os discípulos começam a se preocupar. Havia muitas pessoas, a fome e o cansaço certamente os assombrariam. A saída mais fácil era que Jesus mandasse essa gente para casa. A resposta de Jesus, em outras palavras, é: “Nós temos que resolver a situação, não podemos dispensá-los assim.” Jesus entendeu que o ensino sobre as Escrituras não bastavam para aquele momento. As pessoas

tinham outras necessidades, puramente físicas, e, por isso, precisavam ser atendidas. Elas precisavam de acolhimento e de esperança. O Reino de Deus foi colocado em prática já que Jesus ofereceu à multidão o pão físico e o pão espiritual. O resultado é que todos ficaram satisfeitos.

A responsabilidade da igreja para com este mundo é a mesma de Cristo. Os Evangelhos demonstram Jesus numa caminhada que rompia com os paradigmas da sociedade daquela época. Jesus rompia com as barreiras sociais em relação aos pobres, mas também em relação aos ricos. Para ele, a verdadeira separação está entre os que aceitam ou não aceitam a mensagem do Reino. Ele sentava-se à mesa com publicanos e pecadores, ricos e pobres, conversava com mulheres – algumas delas envolvidas em uma vida de pecado e outras em enfermidades amaldiçoadas pela religião – e com estrangeiros, abraçava as crianças e perdoava os cobradores de impostos (conhecidos como corruptos). Jesus rompe com um conceito separatista e busca todas as pessoas, todas as classes sociais, sem distinção, sem preterimento, dando-lhes esperança.

Igualmente, a igreja é chamada a viver e proclamar o mesmo evangelho de esperança para mundo criado, o *habitat*. Deus é o dono da terra, o primeiro proprietário e senhor legítimo de tudo o que há na Terra. Para tanto, falar de uma missão esperançosa envolve, também, uma ação de resgate deste mundo. Não há como fugir, a Palavra de Deus leva a um compromisso com o mundo criado.

De fato, há uma responsabilidade que compete a todo cristão também a respeito da criação. A missão deveria levar o povo de Deus a, também, denunciar os comportamentos errados do ser humano, quando não reconhece todas as coisas criadas por Deus e age com a obra da criação como uma simples matéria, que se pode manipular sem escrúpulos. Será que por falta de conhecimento sobre o que a Bíblia diz a respeito do cuidado com a Terra o ser humano (e o cristão) não tem contribuído para o sofrimento da criação? Paulo diz que “até agora o Universo todo geme e sofre como uma mulher que está em trabalho de parto.” (Romanos 8.22, NAA).

A criação (termo utilizando na tradução de Almeida para Universo) é um dom de Deus e faz parte da missão confiada aos filhos de Deus o cuidado com esta criação. O ser humano é parte da criação e antes de cada ser humano ser filhos de Deus, ele é um filho da criação (At 17.24-29). E qual é a razão para a degradação ambiental que se vê? Os profetas Isaias e Jeremias lembram que a Terra está sendo destruída por

causa dos seus moradores, porque eles desobedeceram às leis e os mandamentos de Deus (Is 24.1-5; Jr 12.4).

Há um hino tradicional muito cantado nas igrejas. É uma bela poesia para ser cantada. Uma parte dela diz: “Passarinhos, belas flores, Querem m'encantar; São vãos terrestres esplendores, Mas contemplo o meu lar”. É óbvio que ele foi escrito com um objetivo e dentro de um contexto, procurando motivar o cristão a aspirar por sua pátria celestial. O paralelo necessário neste artigo é exatamente para se constatar a percepção escatológica fatalista muito presente nas igrejas. Essa visão aponta para dias ainda piores, em que o mundo irá cada vez mais para o ‘buraco’. Ainda que a leitura apocalíptica apresente tal realidade, ela também fala de um novo céu e uma nova terra; e não um outro céu ou outra terra.

É por isso que, a partir dessa concepção fatalista, se entra numa ‘zona de conforto’, isto é, se o mundo irá de mal a pior e será destruído, por que se deve fazer alguma coisa em prol deste mundo? Esquece-se que o Deus salvador é o mesmo Deus criador. O cristão não é desse mundo, mas não se pode esquecer que Deus chama seus filhos a partir deste mundo, pois a igreja ainda está aqui. Jesus mesmo pediu ao Pai que não tirasse os seus seguidores do mundo, mas apenas os livrasse do mal.

Apesar de se reconhecer que tanto a terra como o corpo humano serão redimidos num futuro glorioso, se deve, hoje, lutar pela melhora da sociedade e da vida das pessoas. Em seu mandato cultural contemplado no livro de Gênesis, Deus colocou o ser humano como guardião deste mundo, como mordomo em Cristo, cuidando e preservando o que ele criou. A sequência dos textos sobre a criação demonstra um processo intencional da parte de Deus: ele cria o ecossistema, estabelece todos os seus elementos, insere o homem no meio com o objetivo e o dever de cuidar do mundo criado. É uma esperança em ação que também luta e deseja viver em um melhor.

## **6. CONCLUSÃO**

A palavra de conclusão é, na verdade, um desafio. O cristão não pode se conformar com a realidade caótica existente na sociedade atual, com os dependentes de alguma droga ao lado, com a pobreza extrema que transforma as cidades, com a exploração sexual de menores, com a violência que reina nas cidades, a corrupção e

com a exploração dos poderosos deste mundo, com a exclusão social, com a perversão moral etc. A missão do povo de Deus confronta tudo isso e ela sempre acontecerá em ação esperançosa enquanto a igreja estiver nesse mundo. A igreja que vive e proclama o Reino de Deus sempre realizará uma missão com o objetivo esperançoso de ver o ser humano transformado e o *habitat* onde vive adequado. Essa transformação não se dará por ONGs ou poderes políticos. É a igreja que, por meio do evangelho, pode viver a anunciar o evangelho que leva esperança ao mundo.

O propósito de Deus, quando envia sua igreja para a missão, é reconciliar todas as coisas com ele. Trata-se de uma mensagem de esperança. E tudo isso foi consumado na cruz com a morte de Cristo. A ênfase é que a reconciliação não foi somente no aspecto “espiritual”, mas foi em todas as coisas, no céu e na terra (Cl 1.20). Portanto, cada cristão deve realizar a ação cristã numa perspectiva vertical, reconciliando o relacionamento entre Deus e o ser humano e, numa perspectiva horizontal, reconciliando o relacionamento do ser humano consigo mesmo, com o próximo e com a criação. O texto de Colossenses (1.20) é claro sob o senhorio de Cristo em todas as coisas e em todo o Universo. Isso é o Reino de Deus!

Jesus não viveu alienado, ele tinha um ministério itinerante e dinâmico, inserido no contexto social, político e religioso. Era, portanto, um Reino dinâmico! E, conforme afirma Moltmann (1997), essa dinamicidade se dá porque o Reino nunca para e não está limitado a um lugar; é um Reino de amor que alcança todos os seres humanos. É por isso que Jesus enfatiza ainda que o Reino de Deus envolve todos os lugares e não somente Israel, afinal, ele contempla gentios e israelitas concomitantemente. Assim, cada igreja, onde ela estiver inserida, é chamada a participar de uma missão em esperança numa perspectiva local, regional e em toda a terra. É um processo crescente e que insere a igreja em todos os campos da ação humana e no mundo todo. A igreja leva a esperança que há em Cristo.

Na oração do Pai-Nosso (Mt 6.9-13) Jesus clama ao Pai, pedindo, entre outras, duas coisas: primeiro que a vontade de Deus seja realizada tanto no céu como na Terra. Ora, Jesus não tem uma percepção dicotômica sobre sua missão. A vontade de Deus é uma só para o céu e para a terra. E, ainda diz: “Venha a nós o teu Reino”. De fato, os Evangelhos deixam claro, por várias vezes, que em Cristo o Reino de Deus havia chegado. É por isso que os cristãos são chamados a manifestar os sinais do Reino de Deus aqui e agora, mesmo nesse mundo decaído.

Nesse sentido, o Reino de Deus é vivenciado de duas formas. A primeira apresenta um Reino de Deus que já chegou, já está entre nós (Mc 1.14-15). Através de Cristo e em Cristo o Reino já se manifestou. A segunda perspectiva aponta para um Reino futuro, onde a promessa final será cumprida. Trata-se, portanto, de uma ação hoje em rumo para o futuro, ou ainda, uma antecipação do futuro para hoje. É o Reino de Deus que já está entre o seu povo e é por ele proclamado e vivido.

Os cristãos primitivos foram impactados com as palavras de Jesus sobre o Reino de Deus. Eles tiveram que entender que tinham uma dupla cidadania: cidadãos do Reino de Deus e, ao mesmo tempo, do mundo. Nesse sentido, a missão cristã se fundamenta na esperança e no ato de esperar, conforme apontou Moltmann (2005), porque, assim como Jesus o fez em sua época, a igreja é chamada a realizar uma ação cristã que se estabelece como uma extensão do Reino de Deus que já chegou, tanto no que ela faz como no que ela proclama.

## Referências

BEZERRA, Cícero. LIMA, Josadak. **Seguindo o modelo do mestre**. Curitiba, PR, 2006.

BOSCH, David J. **Missão transformadora**. Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão. São Leopoldo, RS: EST, Editora Sinodal, 2002.

Bíblia Sagrada. Português. **BÍBLIA DE ESTUDO NAA**. Tradução Nova Almeida Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

COMBLIN, José. **Desafios aos cristãos do Século XXI**. São Paulo, SP: Editora Paulinas, 2004.

CUNHA, Mauricio José Silva. **O Reino entre nós: transformação de comunidades pelo evangelho integral**. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2003.

GERONE JUNIOR, Acyr. **Missão que transforma: o que a Bíblia diz sobre a ação cristã no mundo**. Duque de Caxias, RJ: CPIMX, 2020.

JONES, James. **Jesus e a Terra**. A ética ambiental nos evangelhos. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2008.

KEHL, Medard. **Escatologia**. Salamanca: Sigueme, 1992.

MOLTMANN, J. **Quem é Jesus Cristo para nós, hoje?** Petrópolis: Vozes, 1997  
\_\_\_\_\_. **Teologia da Esperança: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã**. São Paulo: Loyola, Theológica, 2005.

PADILHA, C. René. **Missão Integral**. Ensaio sobre o Reino e a Igreja. Londrina, PR: Editora Descoberta, 2005.

PAGOLA, J. A. **Jesus**: aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2011

SCHILLEBEECKX, Edward. **História humana**: revelação de Deus. São Paulo: Paulus, 1994

STOTT, Jonh R. W. **A missão cristã no mundo**. São Paulo, SP: Editora Candeia, 2008.

VICEDOM, Georg F. **A Missão como Obra de Deus**: introdução a uma teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 1996.